

# POR TRÁS DE UM PAR DE OLHOS PUXADOS E DE UM ROSTO CINQUENTA POR CENTO: A HERANÇA CULTURAL EM *HANÓI* E *RAKUSHISHA*

BEHIND A PAIR OF PULLED EYES AND A FIFTY PERCENT FACE: A  
CULTURAL HERITAGE IN *HANÓI* AND *RAKUSHISHA*

Mirian Cardoso da Silva\*  
Rafael Zeferino de Souza\*\*

---

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a trajetória das personagens Haruki, no romance *Rakushisha* (2007), e Alex, em *Hanói* (2013), ambas obras de Adriana Lisboa, que, marcadas por experiências de exílio e de i(e)migração, exploram o sentimento de (não)pertencimento ao abordar o encontro de Haruki, descendente de japonês, com a cultura de seus ancestrais, e de Alex, com a história de suas heranças culturais, resultante da imigração e exílio de sua mãe e avó vietnamitas refugiadas da guerra. O presente trabalho, portanto, perscrutará sobre os embates culturais e a construção das identidades de Haruki e Alex, que estão em uma busca mais subjetiva, interior, de espaço, e que se utilizam do mecanismo da memória para realizar uma viagem em suas próprias interioridades e em suas próprias histórias para compreenderem seus lugares e suas origens.

## PALAVRAS-CHAVE

Deslocamentos; imigração; herança cultural; construção de identidades.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the trajectory of the characters Haruki in the novel *Rakushisha* (2007) and Alex in *Hanoi* (2013), both works by Adriana Lisboa. The novels, marked by experiences of exile and immigration/emigration, explore the feeling of (not)belonging when it approaches Haruki, a descendant of Japanese, as he has contact with the culture of his ancestors; and also Alex, with the history of his cultural heritages, resulting of immigration and the exile of his mother and grandmother, both Vietnamese refugees from the war. The present work, therefore, will look at the cultural conflicts and the construction of the identities of Haruki and Alex, who are in a more subjective search of space, and who use the mechanism of memory to start a journey through their own interiorities and their own stories to understand their places and their origins.

## KEYWORDS

Displacements; immigration; cultural heritage; identity construction.

---

\* Universidade Estadual de Maringá (UEM).

\*\* Universidade Estadual de Maringá (UEM).

As obras *Rakushisha* (2007) e *Hanói* (2013), de Adriana Lisboa, situam-se em uma vertente pós-moderna da literatura de autoria feminina, na qual as questões relacionadas à opressão de gênero deixam de ser centrais, cedendo lugar a questões existenciais, concernentes às relações com o mundo circundante. Na classificação de Xavier (1998), tanto *Rakushisha* quanto *Hanói* fazem parte da fase *fêmea* da literatura de autoria feminina brasileira, em que temas mais abrangentes em torno do indivíduo contemporâneo são representados, como o espaço exterior que se relaciona intrinsecamente com a questão de construção de identidade do sujeito, por intermédio da imagem da viagem.

Tais espaços são percebidos em ambas obras, representados, entre outros, pelo metrô, o mercado, a praça, o avião, a loja de conveniência, bibliotecas, livrarias, papelarias, os ônibus, as ruas da cidade por onde Haruki perambula no começo do romance *Rakushisha*: “Haruki caminhou até a esquina da Machado de Assis e seguiu por ela, na direção do metrô” (LISBOA, 2007, p. 21). Ou no final de *Hanói*, quando Alex vai a Hanói despedir-se de David após sua morte: “Estava na porta de seu hotel, chamado Sunshine Suites, na rua Má Mây, em Hoàn Kien. Era sua primeira manhã na cidade de Hanói. Acordava com as ruas que acordavam com as pessoas que lavavam as calçadas” (LISBOA, 2013, p. 229).

A viagem, como ensina Ianni em *Enigmas da Modernidade-Mundo* (2003), é a grande metáfora para todas estas questões de mobilidade da sociedade, pois é por meio dela que o sujeito busca (re)descobrir a si mesmo e ao *outro*: “É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo que se sabe e o que não se sabe.” (IANNI, 2003, p. 13). Sendo curta, longa ou interminável, ela sempre tem a capacidade de incitar no indivíduo o desejo de experimentar a novidade, novas formas de “ser, sentir, agir, realizar, lutar, pensar ou imaginar”, além de poder ser futura, presente e, até mesmo, uma viagem através do passado.

A proposta deste artigo é, por conseguinte, analisar a construção dos personagens protagonistas de ambos romances, que carregam em seus traços físicos e internos, o exílio e conflito existencial não só pessoal, mas principalmente cultural, devido a herdarem de seus pais a esperança do pertencimento, e as marcas resultantes da (i)migração, conforme poderá ser observado na análise a seguir.

## HARUKI: POR TRÁS DE UM PAR DE OLHOS PUXADOS

Sem perspectivas nem anseios iniciais e apenas por um impulso de ambas as partes, Haruki, um desenhista, convida Celina, uma garota que conhece no metrô, para ir ao Japão: “no rápido trajeto até a estação Botafogo ele fez o que sempre fazia. Tirou da mochila um livro” e envolto pela multidão, até descer na sua estação, ouviu “uma voz ao seu lado, uma voz de mulher [...] mas é que fiquei tão curiosa. Isso aí que você lia é japonês ou chinês?” (LISBOA, 2007, p. 24-5). Em meio a toda dispersão da vida urbana contemporânea, Haruki e Celina dão, assim, início a conversa e saem de um *não-lugar*<sup>1</sup>, e vão a outro: “Já tinham um histórico de paisagens: metrô, calçada e rua já sem chuva, livraria onde entraram para tomar café. A essa altura sabiam um do outro, entre outras coisas: que Celina tomava café sem açúcar, que Haruki colocava duas colheres rasas” (LISBOA, 2007, p. 28), confirmando o contexto de deslocamento que se instaura na tessitura da obra, evidenciando e conduzindo os protagonistas em suas solidões.

Na trajetória de Haruki como catalisador do seu sofrimento tem-se a perda da pessoa por quem é apaixonado: Yukiko, a tradutora do Diário de Saga de Bashô, uma mulher casada que termina o relacionamento com ele e fica com o marido. Durante a narrativa, ele busca um encontro com seus sentimentos e com o mundo ao qual faz parte, em que os embates culturais emergentes dos deslocamentos levam o personagem a um enfrentamento de si, pois ele não tinha vínculos com a língua ou com a cultura de origem, a viagem se configura como aprendizado de sua cultura ancestral.

O espaço, marcado pela mobilidade e estranhamento, influencia a busca do personagem por compreender suas identidades. Ele, portanto, compreende um enfrentamento da dor da perda afetiva, mas, principalmente, os anseios diante do fato de ser descendente de japonês e não ter qualquer relação com a cultura ancestral: “Haruki sentia-se integralmente desajeitado, como se fosse o antônimo daquela bola colorida de origami. Tão atrasado, tão deselegante e antinipônico, que direito ele tinha de sair por aí usando um par de olhos puxados?” (LISBOA, 2007, p. 20).

As buscas da personagem vão se configurando em meio aos deslocamentos espaciais que faz, enquanto enfrenta seus próprios traços físicos que lhe fazem

---

<sup>1</sup> Termo cunhado por Marc Augé (2005) para definir espaços que correspondem a lugares aos quais o sujeito não pertence mas transita por ele, como restaurantes, supermercados e o metrô.

pensar na sua relação com uma cultura que não era a dele, mas de seus pais: “Nenhum vínculo com o país de seus antepassados. Nada. Nenhuma informação, nenhuma curiosidade. [...] Haruki deu de ombros, eles poucos lhe importavam, esses tais traços orientais. Nem o espelho se lembrava disso” (LISBOA, 2007, p. 53). Conforme se desenvolve a narrativa, Haruki se deixa levar por questionamentos sobre suas identidades pessoais e culturais, construindo-se enquanto sujeito pertencente à mobilidade das fronteiras contemporâneas.

Haruki transita constantemente entre os *não-lugares* como metrô, lojas, livrarias, restaurantes, entre tantos outros. Estes deslocamentos pelas ruas de Tóquio contribuem para a solidão do protagonista, que exilado em seus próprios pensamentos, depara-se com a necessidade de se compreender:

*Walking around Tokyo*

Passe diário de metrô: permite viagens ilimitadas em qualquer das linhas de metrô de Tóquio durante um dia inteiro ao último trem. Pode ser comprado antecipadamente ou no dia do uso.

Táxi: Levante a mão, para um táxi, entre no carro e diga ao motorista para onde quer ir. (LISBOA, 2007, p. 102-3, grifo da autora)

Todo o sentimento de deslocado e fora do lugar levam Haruki ao desvelamento de sua alteridade no encontro com o outro e com o diferente. Nesses deslocamentos entre os *não-lugares*, Haruki questiona sua origem, sua relação com os valores culturais japoneses, a história de seu pai, a ruptura que há nele em relação às tradições, pois “o Japão era apenas mais um país no mundo” (p. 53). E, em meio a tudo isso, intenta enfrentar uma busca por compreender a si mesmo, descortinar suas identidades, desvelando que são os embates culturais que dão a tônica da solidão da personagem.

De acordo com Bauman (2005), nesse mundo contemporâneo em que tudo se dispersa com facilidade, a própria identidade transforma-se em uma forma de experimentação infundável. Sendo assim, como o sujeito está sempre em busca de novas coisas que o satisfaçam, sem que realmente se atenha a uma única que possa satisfazê-lo, a própria questão da identidade se transforma sempre; fazendo com que, a todo momento, recorra a novas, descubra outras, e muitas são redescobertas, pois “os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha.” (BAUMAN, 2005, p. 91).

A viagem, por si só, já prediz contato com essas novas identidades e, junto àquelas que são produzidas no interior do personagem possibilitam maiores experimentações e (des)encontros. Isso ocorre ao Haruki levar consigo a perda emocional, deixando o Brasil em direção ao desconhecido, onde mesmo que os traços de seu rosto sejam orientais, sua identidade cultural, sua língua e as identidades que ele conhece não remetem em nada ao país de seus ancestrais. Ao embarcar nessa viagem, ele se permite deparar com um embate cultural e com sua própria dor: “O Japão saltando como um soluço para dentro de sua vida, tudo por causa dela. Yukiko. A tradutora. Hoje, só isso: a tradutora” (LISBOA, 2007, p. 23). Os desdobramentos de sua trajetória vão se formando conforme se deixa levar pela viagem interior, descortinando seu sentimento pela perda da amante: “Os nomes dos dois iam se casar na ironia da capa de um livro. Iam colocar seus nomes no papel. Amorosamente, friamente, levemente” (p. 23).

Haruki questiona-se sobre sua vida, suas identidades, seus sentimentos, e também sobre a viagem, realizando concomitantemente, tanto uma viagem convencional pelo Japão, um país distante, como outra metafórica através de suas memórias, por meio dos labirintos de sua solidão que grita ainda mais ao se deparar com um país que era um desencontro cultural para o personagem. Assim, as identidades e as suas buscas vão, aos poucos, sendo moldadas por intermédio dos deslocamentos, que o levam a questionar seu lugar no mundo, ao carregar suas lembranças no âmago da sua solidão e na dor no peito:

Este é o desafio. No assento de um trem-bala entre Kyoto e Tóquio. Deve haver como me perder, de algum modo. Deve haver como me perder para encontrar aquele lugar no mundo que nunca foi pisado antes, um território realmente virgem. Deve haver um modo, quem sabe, de partir em viagem e não regressar mais. Reduzir-se à mochila que vai às costas e a umas poucas mudas de roupa reduzir-se, ou agigantar-se, a uma ausência de casa própria e cidadania, esfacelar o papel pega-mosca do cotidiano e fazer dele mesmo, cotidiano, uma aventura infinitamente deslocável. Deslocável. Desgruda-lo do chão. Levantar os pés para caminhar [...] De tal modo a esquecer que um dia chegou a ser uma reta, dotada de ponto final. De objetivo. Desobjetivar-se. Esse, o território realmente virgem – o único. Assumir como um sentido a falta de sentido da vida. Em todos os sentidos. (LISBOA, 2007, p. 80)

O desejo de encontrar-se em meio à dispersão, de entender-se parte da heterogeneidade do mundo, de sua transitoriedade, de sua movência, e, acima disso, de compreender que suas identidades não são fixas, de que não era “uma reta” e sim “deslocável”. Constata-se, no trecho acima, que a angústia por compreender suas

identidades, enquanto construídas ao longo do caminho que é a vida, se faz presente no personagem.

Entretanto, apesar de se permitir a viagem e às possibilidades de encontros e desencontros consigo mesmo e com suas identidades, Haruki procura certa estabilidade das mesmas e de seus sentimentos, como pode ser observado no seguinte trecho: “subitamente era bom estar ali, no Rio de Janeiro, naquele momento, e *ser quem ele era*, o desenhista com a mochila nas costas, *por um instante era bom haver chuva e saber que em dez minutos ele chegaria à estação Largo do Machado*” (LISBOA, 2007, p. 22, grifo nosso). Tais pontos vão ao encontro do que diz Bauman sobre o fato de a identidade ser “uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado...” (2005, p. 84), ou seja, o desejo de se fazer ser na fluidez do mundo, e a contradição de tentar se fixar em algo: “Era preciso reconhecer e reverenciar esses momentos. Eles eram rápidos e raros. Momentos em que sem nenhum motivo aparente *tudo parecia entrar nos eixos, ajustar-se, encaixar-se. Acabavam-se as perguntas e a necessidade delas. Acabava-se a pressa, o ter aonde ir, o vir de algum lugar.*” (LISBOA, 2007, p. 23, grifo nosso).

A construção das identidades da personagem alterna-se entre dois movimentos: de um lado, a vontade e a busca por se encontrar e se definir a partir de uma identidade estável, criando uma ideia de falsa estabilidade; e, de outro, tudo o que a faz desestabilizar, transitar, mudar em meio ao mundo contemporâneo, que o preenche de possibilidades de mudança, que leva-o ao encontro com tantas outras identidades que se torna difícil estabelecer uma única. Pois é fato que existe uma vontade de tender a fixação, de ter algo ao qual Haruki pudesse se prender e sentir-se firme; entretanto, a identidade é uma construção não datada, ela é transitória e heterogênea: “Momentos rápidos e raros. Aquele ali se desfez de repente, no cruzamento com a rua do Catete. Haruki notou que perdia alguma coisa, chegou a olhar para trás automaticamente, para ver se dava com um pedaço de si caído na calçada. Mas era o instante que se desmanchava, chuva de sal dentro d’água.” (LISBOA, 2007, p. 23-4)

Bauman (2005, p. 33) salienta que, mesmo havendo essa procura por estabilidade, no mundo novo no qual são oferecidas tantas oportunidades “fugazes”, cheias de “seguranças frágeis”, aquele ideal de identidade una é uma utopia. Vê-se que Haruki percebe que não conseguiria nunca se reconhecer como um ser uno, cuja

identidade possuiria contornos nítidos, assim como os pés do viajante sobre o chão, ou um rio que sempre seguiria infinitamente seu percurso, pois “um rio falava de dúvidas. Nunca se atinha a si mesmo. Nunca se cristalizava na pedra que o acolhia. Ao mesmo tempo, a pedra, que parecia eterna, ia se gastando e se deslocando da maneira mais contundente de todas – sem alarde, sem aviso” (LISBOA, 2007, p. 49). Rio e pedra são os significados dos símbolos do sobrenome de Haruki herdado de seu pai, *Ishikawa*, na escrita japonesa, símbolos que “contradiziam gravemente a si mesmas” (p. 49), porquanto a *pedra* representa seu desejo por uma identidade fixa e o *rio* abrange a natureza da fluidez da construção identitária. Tais significados reforçavam o sentimento de não pertencimento e de alteridade do protagonista.

Permanece, desse modo, na personagem, sempre uma sensação de deslocamento e de carência, nessa prolífera sociedade, mesmo envolto pela multidão, uma vez que todos os sentimentos advindos da solidão pertencem ao homem. É impossível configurar as identidades sem nenhuma crise, em um mundo que pede as diferentes; mas é essa vontade de estabilidade que acaba por ocasionar o mal-estar que Bauman (1998) discute em sua obra *O mal-estar na pós modernidade*. Essa busca por se encontrar, se completar e se entender, oscila no âmago do personagem, fazendo com que ele recaia nas crises identitárias: “ele dormia, na primeira tarde nesta cidade. Naquele momento não era ninguém, não era sequer de si mesmo, ele era antes uma reconstrução. Um romance. Uma ficção por trás dos olhos fechados” (LISBOA, 2007, p. 69). A identidade, dessa maneira, não é essência, também não é fixa, tampouco estável, homogênea, única, definitiva, logo não há como pensa-la como algo permanente ou coerente, pois

a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 97)

Tais buscas, interagindo com os espaços (internos e externos), fazem transbordar também em Haruki a solidão que caracteriza o mundo contemporâneo. Estes sentimentos, nas dimensões inconscientes do eu, permitem que as buscas por identidade e respostas para as perguntas existenciais, explorem caminhos diversos da interioridade da própria personagem. Dado que há, também, o investimento pessoal nessa busca, Haruki tenta estabelecer sua(s) identidade(s) na medida em que se depara com a angústia de ser um estrangeiro em um Japão que o fazia se sentir



“um corpo estranho”; e é isto que “permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares” (WOODWARD, 2007, p. 55-6).

Embora ele viva o embate cultural, realize a viagem e se desloque constantemente, permitindo, assim, um questionamento sobre a sua existência, suas dores e seus laços afetivos desfeitos, o processo de alteridade se completa nele que, “aos poucos, com o passar dos dias e, agora, das semanas, desde que pusera pela primeira vez os pés no país de Bashô, [Haruki] começou a se ajustar à consciência daquilo que o rodeava” (LISBOA, 2007, p. 147). Pois a alteridade, de acordo com Rolnik (1992, p. 1), permite “o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado”, resultando em instabilidade nas identidades já conhecidas pelos sujeitos que transitam pelo diferente, pelo outro, levando-os às transformações e às descobertas:

Ele não devia estar suando. Ou que estivesse suando, mas que pelo menos falasse um japonês rudimentar. Os traços do seu rosto, seu nome, tudo lhe impunha essa responsabilidade – que, no entanto, ele nunca havia acatado. Tinha informações básicas. Havia crescido ouvindo algum japonês dentro de casa. Sobretudo quando seus avós o visitavam. Mas isso décadas atrás, e durante décadas que passaram ele teve mais o que fazer. E talento nenhum para línguas. (LISBOA, 2007, p. 28)

O romance termina com Haruki voltando para Kyoto: “a paisagem já parece familiar. O trem de regresso a Kyoto, o trem-bala que partiu de Tóquio. Haruki já é quase um deles, já é quase parte dali” (LISBOA, 2007, p. 181) e “vê a chuva fina que começa a cair enquanto seu trem se aproxima da estação [...]” (p. 187). Evidencia-se, neste trecho, que após os embates com a cultura japonesa, a busca por compreender suas identidades mediante este (des)encontro cultural, o protagonista consegue aceitar que faz parte do mundo heterogêneo e fluído, como reafirma a seguir: “essa é a verdade da viagem” (p. 187). A chuva marca, simbolicamente, essa compreensão da filosofia do poeta Bashô no interior da personagem.

Deste modo, é perceptível que Haruki, ao passar por toda a experiência da viagem e do deslocar-se, permite-se o embate com esse *outro* e o diferente, levando-o a se perceber como parte de um mundo heterogêneo, fluído e movente. Nota-se, desse modo, que ele compreende a questão da viagem e do deslocamento externo; e, o mais importante: ele vai além, em busca de respostas para perguntas sobre sua identidade, enfrentando uma cultura diferente, permitindo-se descobrir, em meio a toda fluidez contemporânea, imerso em sua solidão e em seus desejos. Assim, apesar das tradicionais formas de construções de identidades, que incluem a questão de



gênero, etnia, cultura, raça, entre outros, o sujeito contemporâneo, em sua construção ou desconstrução identitária, “atravessa essas categorias e vai além [...] é um sujeito em permanente diálogo, confronto interno e externo” (LOPES, 2002, p. 175).

Tanto os deslocamentos e questionamentos quanto a viagem ao Japão e a viagem metafórica que ele realiza em sua busca identitária, em toda a dispersão contemporânea, permitem-lhe, como homem fragmentado que é, se questionar: “E SE for preciso assumir a fragilidade de nós mesmos na fragilidade daquilo que somos juntos? Viajantes?” (LISBOA, 2007, p. 182); pois, afinal, nada é certo durante viagem que é a vida, e sempre o indivíduo se depara com questões que o levarão a questionar sua existência e sua(s) identidade(s), como exemplifica o término em aberto da obra, que se fecha como se tudo fosse um grande “E SE” (LISBOA, 2007, pg. 124; 142; 182), a vida nada definida ou certa, mas em tudo fluída e repleta de surpresas.

### **ALEX: UM NOME OCIDENTAL PARA UM ROSTO CINQUENTA POR CENTO**

“Ela se chamava Alex. Um nome ocidental para um rosto cinquenta por cento. Não dava para saber de onde vinha, assim de saída.” (p. 14). O narrador do romance *Hanoi* (2013) de Adriana Lisboa introduz assim a personagem Alex, confluência fragmentada de sua família e da história de exílio vivida por sua mãe, a avó e o amigo da família, Trung. Alex representava a miscigenação que com 22 anos, trabalhava no mercado asiático de Trung e cursava graduação de astrofísica. Sua identidade cultural resulta de ser filha de Houg, vietnamita que casara com Benjamim, um americano. Houg era filha de Linh, vietnamita que a tivera com um soldado americano chamado Dereck. De Alex existia Bruno, seu filho com Max, um homem negro e casado, que trabalhava como treinador de um time universitário de basquete.

A protagonista está constantemente refletindo sobre os traumas da Guerra do Vietnã, que reverberavam na vida de sua família. Os espaços pelos quais ela transita também são realizados através da memória, não dela, mas das histórias contadas por sua família e por Trung. Deste modo, quando a focalização narrativa incide sobre Alex, o cotidiano de seu trabalho, seu filho e estudos, suas reflexões retornam em contraste com esse cotidiano. As memórias refletem sobre as histórias do sofrimento de Houg, Linh e Trung, que tiveram que se exilar devido à guerra, e a condição de Alex enquanto cidadã americana, a que carregava as expectativas daqueles que não pertenciam.

O não pertencimento, segundo Said em *Reflexões sobre o exílio* (2003), é a sensação de quem não enxerga em si, ou no local ao qual foi exilado, identidades com as quais se reconhecer. No caso dos personagens exilados em Chicago há, além das identidades pessoais, a questão de uma identidade cultural, que, segundo Hall “são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (1996, p. 70).

A questão de se identificar está relacionada à questão do pertencimento. Porquanto a identificação, conforme Hall (2000), embora pareça apenas ser construída partindo da ideia de reconhecer-se a partir de uma origem comum ou de características compartilhadas entre um grupo social ou ideal, “a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo” [...] uma vez assegurada, ela não anulará a diferença” (p. 106). Segundo o autor, haverá sempre um pouco, ou muito, mas jamais algo completo.

Com efeito, a mãe e a avó de Alex sentem-se deslocadas, elas não-pertencem. Devido a esse sentimento de incompletude, essas mulheres, cujas trajetórias foram arrasadas pela guerra, projetam em Alex um futuro que elas próprias acreditavam não existir para elas. Se elas não puderam pertencer, “Alex seria o seu sucesso. As coisas iam se consertar na geração dela. Por isso era tão importante que estudasse” (LISBOA, 2013, p. 47). Também a protagonista compreendia que o passado de sua família definia o presente dela, era “como se o passado fosse contagioso e tivessem que protegê-la dele” (p. 75).

Nas reflexões da personagem sobre a guerra, o passado e o presente dialogam nas histórias narradas através das memórias de sua família, com as angústias advindas do sentimento de outreridade, que consistia em precisar pertencer a uma cultura na qual Houg e Linh foram obrigadas a se encontrar. Alex, deste modo, se desloca pelo espaço que se constitui de memória, reconstruindo alguns como o parquinho onde, quando criança, Trung contava a ela, em longas conversas, sobre sua experiência nos tempos de guerra:

Na guerra, todos perdem, todos esgarçam sua humanidade para que a ideia de uma violência extrema caiba ali, e depois o que fazer com os trapos? Depois os trapos grudam na sua pele como se fizessem parte dela. Como se de fato uma chuva de napalm tivesse caído sobre você. E se você não morre, nunca mais terá como tirar a guerra da própria pele (LISBOA, 2013, p. 45-46).

Houng e Linh vão à América nos anos oitenta, carregando pouco do que tinham. Houng, com 17 anos era “semianalfabeta em sua própria língua” (p. 73). O exílio revela o processo de outremização<sup>2</sup> a que as personagens se sujeitam no decorrer do processo diaspórico que vivenciam. Além de não serem alfabetizados em sua própria língua, são forçadas a aprender a do novo país, “era um caso clássico de decifra-me ou te devoro” (p. 73). Na terminologia de Ashcroft (1998), tais personagens estariam vivenciando o que ele define por *outremização*, em que desempenham o papel do *outro* em oposição ao *Outro* da cultura ocidental.

Sendo assim, não se nega o *outro*, pois a sua existência é fundamental para a existência de um centro e essa relação hierarquizada é a condição para se estabelecer as relações de dominação. O *outro* é construído e objetificado através do *Outro*, que se constitui pelo discurso imperial e patriarcal, como por exemplo a mulher no discurso patriarcal.

As personagens Linh, Houng e Trung passam por um processo de outremização ao depararem-se com uma cultura totalmente diferente em um país que gritava alto suas diferenças, obrigando-as a aprender a língua e a cultura, além de desenvolver habilidades em algum trabalho com o qual pudessem sobreviver. Eles eram “aquelas pessoas anômalas” (p. 73), refugiados que precisavam se encaixar na sociedade. O contato com este *Outro*, para Houng, era como se a diferença existente fosse a distância entre dois países: “entre ela e suas clientes não haviam palavras, só unhas. Era como se ela e o seu novo mundo realmente só se tocassem com as pontas dos dedos” (LISBOA, 2013, p. 73).

Por esse mesmo processo passa os pais de David, Guadalupe, mexicana, e Luiz, brasileiro. Sendo ambos imigrantes ilegais vivenciaram a experiência de serem o *outro* frente ao *Outro* que era a América: “Guadalupe, que apesar do sotaque [...]

---

<sup>2</sup> A questão do *othering*, ou outremização, é tida, portanto, como o processo dialético para se chegar a uma alteridade. O termo foi cunhado por Gayatri Spivak para dar nome aos processos (vários modos) pelos quais o discurso imperial cria seus “outros”, pelos quais o discurso de poder cria seus sujeitos excluídos, dominados, dependentes. Para Spivak, o termo consiste, portanto, em um processo dialético em que o colonizador “Outro” é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados “outros” são produzidos sujeitos. O significado do termo alteridade difere um pouco de outremização. Segundo Ashcroft (1998, p. 11), o termo alteridade, do inglês *alterity* é “[...] derivado do Latim *alteritas*, significando o estado de ser outro ou diferente; diversidade, ser o outro”, engajados em um contexto político, cultural, religioso e linguístico. A outremização se refere a uma problemática de conhecimento do outro envolvendo posições hierárquicas, binarismos, sem espaço para as ambiguidades e construção pelo discurso imperial, outro epistêmico. O termo “outro” corresponde ao discurso colonial que o império estabelece sobre o sujeito dominado, reprimindo suas ideologias maternas e constituindo uma nova identidade voltada para o império. Com essa imposição, o sujeito colonizado começa a existir pelo discurso colonial como um ser excluído e marginalizado pelo poder.

fala inglês tão melhor do que o velho Luiz, o mineiro de Capitão Andrade” (p.100). Essa é uma angústia própria daqueles que são exilados, pois, conforme Said afirma, “os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmo como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado.” (2003, p. 50)

É justamente isso o que ocorre na vida das personagens de *Hanói*, ao se depararem com o *Outro* ao qual deveriam sujeitar suas identidades pessoais e culturais. Embora tenham aprendido a viver em meio a nova sociedade, não se identificavam com o novo país, mesmo depois de anos vivenciando a vida agitada da cidade grande. O encontro cultural e a outremização a que foram sujeitas, forçaram-nas a apenas aprender a sobreviver enquanto cidadãs exiladas, mas sempre estivera estabelecido que não tinham pátria, pois “tantas eram as coisas que não faziam sentido na América” (p. 74).

As personagens não eram de onde haviam saído, mas também não pertenciam ao local que funcionava como sua nova casa, sua nova língua, sua nova cultura. Estes pontos podem ser observados quando a avó e mãe de Alex resolvem mudar-se de Chicago para uma cidadezinha menor:

Deixaram Chicago e foram morar a cinco horas dali, numa cidadezinha de quinze mil habitantes. Fazia mais sentido. Elas não tinham nascido para milhões. Elas ficavam confusas na cidade grande, com o ritmo, com o barulho, com a falta de espaço, e nem duas décadas as haviam amolecido, nesse sentido. (p. 16)

Trung diria mas é claro, elas vieram de um país rural. Elas trabalhavam no campo em um país rural devastado pela guerra. (p. 17)

Mas ao mesmo tempo era tudo tão diferente agora. Cultivava flores em vez de arroz. (p. 19)

No caso da família de Alex, o exílio apresenta-se como Said afirma: “as vezes o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas só às vezes.” (p. 51). Pois, embora tinham que sofrer a angústia da outremização e sujeitarem-se a uma nova cultura, seu país havia sido devastado pela guerra, não lhes restando escolha a não ser enfrentar essa nova realidade. Por isso, seriam sempre uma cisão em ser sujeitos sem pátria e acreditavam que Alex e Bruno seriam a geração que poderia dar certo, pertencer: “tão jovens, estavam na soleira de outra coisa, de outra vida. Não tinham nenhum erro de fabricação. Alex frequentava a universidade. Teria um diploma, algum dia” (p. 75).

Esse sentimento é ainda mais visível quando ambas as personagens adquirem a cidadania americana, e lhes dizem que até poderiam concorrer a um cargo público, menos o de presidente: “Mas Alex e Bruno podiam até mesmo isso” (p. 75). Fica evidente a cisão entre aquele que pertence e aquele que é um exilado. As identidades relacionadas à cultura vietnamita e as identidades que precisaram construir nos Estados Unidos consistem em um conflito que, embora tenham aprendido a conviver com ele e se adequarem melhor ao contexto, não seria jamais resolvido. Isto nos remete ao que Hall afirma sobre identidade cultural:

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, [...] estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós definitivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2000, p. 47)

Essa natureza essencial é parte da vida do exilado, que passa a ser um expatriado, assim como a família de Alex: “Ela sentia saudades? Do Vietnã? Nós nascemos lá, Hounng disse. Claro que sinto saudades. [...] Se pudesse você voltava? Alex lhe perguntou. A coisa para a qual eu gostaria de voltar não está mais lá” (p. 80). Observa-se, portanto, que o passado não poderia ser esquecido nem reparado de modo que as personagens passassem a pertencer plenamente a uma nova cultura.

No caso do amigo da família, Trung, o exílio fora ainda mais intenso: “o caso de Trung tinha sido diferente. Pior, talvez. Mas não havia uma balança para aquilatar essas coisas” (p. 17). O personagem fora um monge budista que, ao final da guerra, fora obrigado a ir para o campo de reeducação.

A alma de Trung tinha ficado em algum lugar lá atrás, entre florestas vivas e florestas calcinadas e memórias confusas, ou então no meio do oceano e de barcos circundados de cadáveres que iam se perdendo no escuro da noite como boias disformes, ou em meio a estranhos cujos olhar nunca deixaria de ser fundamentalmente estranho. (p. 46)

A diáspora vivida pelo personagem é claramente exposta nesse trecho. O que nos remete a definição proposta por Brah (1996), de que diáspora é a dispersão de algo; logo, a ideia que carrega é a de centro, lar/casa, local de onde ocorre a dispersão. O conceito de uma jornada, que pode ser realizada em grupo mas também individualmente, possui dois processos: a saída do país de origem, que está relacionada com “quem, quando, como e sob quais circunstâncias”, se políticas e/ou econômicas. Como Trung, que apresenta as marcas das angústias passadas que motivaram seu exílio, por isso, “tinha exportado a si mesmo trinta anos antes, com

alguns dos selos oficiais (somente alguns)” (p. 14). Três décadas não lhe foram suficientes para compreender totalmente o país ao qual deveria pertencer.

O segundo processo é a chegada ao seu local de exílio, no qual ocorre a inserção desses sujeitos diaspóricos. Este processo se apresenta em forma de uma cultura com identidades pessoais e nacionais distintas do indivíduo exilado, além da variedade de discursos, processos políticos e econômicos, que são fundamentais para compreender o que ocorre a imigrantes como Trung e sua construção identitária. Ambos imersos em um contexto em que as diferenças são realçadas.

Os constantes deslocamentos dos personagens, mesmo após anos convivendo com a cultura do novo país, somente ganham sentimento de descanso quando Trung, devido a uma doença do coração, se muda de Chicago junto de Linh e Houng, onde finalmente poderiam se acomodar dos deslocamentos e migrações: “Trung ia com elas quando voltassem. Depois de tantas migrações internas e externas, de tantas travessias, bastava agora umas poucas horas de ônibus e podiam enfim se acomodar” (LISBOA, 2013, p. 197).

No entanto, mesmo com o sentimento de descanso, após a longa caminhada, o contexto de saída de Trung do país de origem, explicado pela guerra e as suas consequências, não é esquecido por ele nem pela mãe e avó de Alex. De tal modo que através da memória, Alex consegue sentir o passado de sua família como parte sua também, “porque nada é seguro. O exílio é uma condição ruim. O que você consegue é exatamente o que você não tem vontade de compartilhar” (SAID, 2003, p. 51). Esse sentimento permanece nos personagens, como podemos observar nos trechos a seguir, que desvelam o modo como a língua vietnamita e a inglesa são demarcadoras de tempo, espaço e cultura:

A filha se esforçava para falar a língua da mãe, que já não podia chamar de sua havia muito, embora a tivesse aprendido em casa, junto com o inglês de seu pai e dos desenhos animados da tevê. (p. 18)

Trung só falava com Alex em vietnamita na presença da mãe e da avó dela. Uma espécie de decência. Com Alex, o que era mais confortável para Alex. Mas, quando as gerações mais velhas estavam presentes, prioridade às gerações mais velhas. (p. 36)

Deste modo, embora carregando o fardo e responsabilidade do futuro, as agruras vividas por sua família respingavam no presente de Alex. Ainda que não tenha se deslocado espacialmente pelo Vietnã, o país fazia parte da personagem, através das histórias e memórias. Para Alex, Hanói representava não apenas um espaço, uma



cidade, mas sim um passado que se consumava em fardo, a cidade era a origem da travessia de sua mãe e avó até Chicago.

Assim, os três personagens cujos deslocamentos espaciais se transformam em uma fissura em suas vidas, um exílio diaspórico em suas identidades, exemplificam uma realidade que não é distante do que ocorre atualmente nas grandes metrópoles pelo mundo, devido ao processo de globalização que tem diluído a ideia de fronteiras. “Trung e Houg, a mãe de Alex, se entendiam. Trung e Linh, a avó de Alex, se entendiam. Os três eram irmãos que a guerra havia reunido dentro de um buraco, um fosso. Lá em cima havia luz, mas não era para eles” (p. 45). Eles eram indivíduos que deslocaram suas identidades, construindo e transformando-as de acordo com uma realidade que se distanciava cada vez mais de suas raízes culturais.

A “luz” que havia acima do fosso pertencia a Alex e Bruno, a geração capaz de pertencer, de afirmar suas identidades nacionais, pessoais e culturais com uma cultura que poderiam chamar de sua. Isso aponta para o fato de que a noção de identidade cultural estava muito além da ideia de pertencimento, englobando pontos mais complexos relacionados a identidades pessoais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viagens, experiências diaspóricas, entre outros deslocamentos de ordem diversa, afetam fortemente os sujeitos que as protagonizam. Isso leva suas estruturas psicológicas e existenciais a embates e questionamentos profundos. Como nos ensina Lopes (2002), é nesse imaginário movente da sociedade contemporânea, nas ruas labirínticas das metrópoles, dos shoppings, que a solidão se instaura no sujeito com maior vigor. O aprendizado que ocorre nesse movimento “paira insistente sobre o aprendizado contemporâneo a marca da dúvida e da inutilidade. Aprendizado que [...] se dá [...] por epifanias e momentos, em que os tempos se mesclam incessantemente, desmistificando um aprendizado pela experiência” (LOPES, 2002, p. 169).

Em *Rakushisha*, este aprendizado, que ocorre no interior dos personagens, desvela e desvenda seus anseios: “se a gente não mata as epifanias elas nos matam.” (LISBOA, 2007, p. 24). Porquanto o aprendizado acontece através da memória, esquecimento, imagens e também através de sensações vivenciadas por Haruki ao se ver imerso em uma cultura pertencente ao passado de sua família, mas não a ele.

Enquanto que em *Hanói*, também, por meio de estilhaços da memória de um passado familiar, Alex busca compreender a experiência do sujeito migrante, marcado



pela solidão, melancolia e medo: “o que era o medo, afinal? Algum parente do tempo, ela pensaria depois. Você só ficava com medo se levasse o tempo a sério – o passado a que se seguia o presente a que se seguia o futuro” (LISBOA, 2014, p. 174). Portanto, é a experiência individual de cada um que proporciona a compreensão dos efeitos da migração na construção de suas identidades.

Em ambos os romances, nota-se a presença do que Pires chama de “consciência do exílio” e “contato com a clandestinidade” (2014, p. 392). Pois, tanto Alex quanto Haruki tomam consciência de suas próprias migrações no decorrer de suas jornadas. A viagem, desta forma, não funciona para facilitar o encontro do eu, mas para distorcer as certezas de si mesmo e proporcionar uma busca por se compreender.

## REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, Bill, 1946–. *Key concepts in post-colonial studies*. IV. Title. JV22.A84 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- LOPES, Denilson. A viagem é uma viagem. In: \_\_\_\_\_. *O homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- LISBOA, Adriana. *Hanói*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- PIRES, Maria Isabel Edom. Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, p. 389-403, jul./dez., 2014.
- ROLNIK, S. *Diálogo e alteridade*. Boletim de Novidades. 1992.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado*: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

*Recebido em 15/02/2019.*  
*Aprovado em 16/03/2019.*